

NO ENTRELACE DOS FIOS: A SINGULARIDADE DA TRAMA ENTRE A BIBLIOTECA E A ACADEMIA PERNAMBUCANA DE CIÊNCIA AGRONÔMICA

CONCEIÇÃO LOPES

Biblioteca Central da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, Pernambuco.

1. OS PRIMEIROS FIOS DA TEIA

Uma teia está sendo tecida. Seus nós estão sendo arrematados na dimensão contraditória do cotidiano, entrelaçado no contemporâneo espaço da biblioteca.

De um lado, olhos que lêem a vida e o mundo. Definem suas cores, traçam suas formas, dimensionam seus movimentos. Lêem as pessoas. Olhos que observam e enxergam detalhes. De outro, mãos que semeiam e colhem. Afagam os amigos e debulham os grãos. Conduzem e perpassam o fio na arte do tecer, bordar e fiar. Mãos que misturam ingredientes e preparam o pão.

Contudo, nessa história, como em muitas outras, é o coração que percebe o invisível da vida e do mundo. Penetra em seus mistérios, aprofunda suas tramas, inventa seus sentimentos, descobre a magia que envolve a aventura humana. O visível e o invisível fazem parte desta história individual e coletiva. São inseparáveis.

Sob essa perspectiva, o Bibliotecário participa dessa trama como agente histórico desse tempo e lugar. Atua como observador e mediador, tanto no espaço da biblioteca, quanto no ciberespaço. Por outro lado, o Engenheiro Agrônomo ao amar a terra e prover as sementes e frutos que alimentam a humanidade, não fecha os olhos, nem tampouco o coração.

As tarefas do Bibliotecário e do Engenheiro Agrônomo são imensas, necessariamente incompletas, pois suas buscas e observações exigem novas leituras dependendo do espaço-tempo em que foram, estão sendo ou serão produzidas.

Nessa linha de pensamento, para a escrita deste texto, nos inspiramos na atividade criadora da aranha ao tecer a sua teia. Aquele ato de criação, ao mesmo tempo tão

Trabalho apresentado no XIV Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, realizado no período de 22 a 27 de outubro de 2006, Salvador/Bahia, Brasil.

simples e tão complexo, há algum tempo nos serve como metáfora para a leitura e a compreensão da teia das relações interpessoais.

Sendo assim, assumimos a tarefa e o olhar bibliotecário e contextualizamos a biblioteca em sua prática sócio-cultural deixando à mostra sua relação com a Academia Pernambucana de Ciência Agrônômica – APCA – ao entrelaçar os fios que compõem a teia da memória coletiva deste grupo de imortais.

A escrita deste texto tem sido, portanto, uma leitura apaixonada e única do agir, sentir e pensar desses homens e mulheres, além, é claro, de percebê-los como integrantes da trama entre o Núcleo do Conhecimento da Biblioteca Central da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE e a APCA. Revela especialmente um micro-recorte que permite a reconstituição de episódios na vida cotidiana desta biblioteca e um redesenho na relação biblioteca/bibliotecário/práxis social, aqui representada pela Academia Pernambucana de Ciência Agrônômica – APCA.

2. FIOS PARA TRANÇAR, LINHAS PARA ESCREVER, ENTRELINHAS PARA EMOCIONAR

Já dizia Machado de Assis que os fatos e os tempos ligam-se por fios invisíveis, e é com tal pensamento que retomamos o ponto de origem desta teia. A história desta tecitura tem início em outubro de 2004, época marcada pela presença das Moiras ao cortarem o fio do destino do acadêmico e Vice-Presidente da Academia Pernambucana de Ciência Agrônômica – APCA, o Professor João Baptista Oliveira dos Santos, referência nesse grupo e na UFRPE.

Esse triste fato nos levou a propor a criação de um espaço dedicado à memória daquele que, conosco, há alguns meses se dedicava ao resgate da história institucional, idéia aceita de imediato pela direção da Biblioteca Central e ratificada pela Reitoria da Universidade. Alfa e Ômega se fizeram presentes.

Assim, um fio invisível ligou aquele fato a um novo fio, o nosso primeiro contato com a APCA, justamente ao levar o convite para a inauguração do Núcleo do Conhecimento – *Professor João Baptista Oliveira dos Santos*, o novo espaço-resgate da memória institucional e da produção científica que traria novos fios e novos tempos para a Biblioteca Central.

Sessenta dias após, esse grupo de imortais respondeu positivamente e com entusiasmo ao nosso chamado, trazendo suas histórias de vida, sua relação com o

universo acadêmico e sua produção científica e intelectual. A esses elementos, passaram a associar a salutar atividade do lembrar, pois é na rememoração que ocorre o encontro de si mesmo e da sua identidade apesar do tempo e dos fatos vividos (Bobbio, 1997).

Instalada no Núcleo do Conhecimento, a APCA veio agregar valor à biblioteca e com ela iniciar a urdidura da trama aqui narrada. Idealizada pelo Engenheiro Agrônomo Eudes de Souza Leão Pinto, foi fundada em 30 de setembro de 1983 por ocasião do XXIII Congresso Brasileiro de Agronomia, realizado no Centro de Convenções em Olinda, Pernambuco, a partir da preocupação apresentada em plenária pela Associação dos Engenheiros Agrônomos de Pernambuco. Foi então criada como instituição pioneira em território brasileiro, confirmando a liderança e a vanguarda desse grupo.

Instalada em 31 de maio de 1984, em Sessão Solene, no Auditório da Academia Pernambucana de Letras, essa entidade cultural sem fins lucrativos tem como finalidade contribuir para o desenvolvimento e o progresso da Agronomia, conforme seu estatuto.

Constituída inicialmente por 25 Patronos e Acadêmicos, todos Engenheiros Agrônomos, escolhidos a partir da proposição de vários nomes dentre os mais notáveis no cenário das Ciências Agrárias estadual e da análise dos Currículos, apreciação dos méritos agrônômicos e da atuação social, de acordo com a Ata da 1ª Reunião da APCA, realizada em 14 de fevereiro de 1984.

Desde então o grupo foi renovado ao longo da sua história. Assim, em 1994, deu-se a primeira renovação após dez anos da sua instalação. Nessa solenidade foram empossados 08 novos acadêmicos. Sete anos depois, em 2001, mais 10 imortais tomaram posse em substituição àqueles que faleceram ou solicitaram afastamento. 2006 chegou promovendo a renovação de acadêmicos e a inclusão de mais 05 Patronos e Acadêmicos, totalizando, a partir de então, 30 patronos com seus respectivos acadêmicos, todos de conceituados valores humanos e altos conceitos profissionais (Tabela 1).

A APCA, nesses 22 anos de história institucional, possui um grupo longo, com patrimônio simbólico. Desde sua origem, ocupou espaço no *campus* da UFRPE e contou com o apoio da Reitoria, que ofereceu o espaço físico para seu funcionamento, possibilitando à mesma a realização da 1ª reunião na sede da própria Reitoria, passando as demais a ocorrerem em locais diferenciados do próprio *campus*.

Tabela 1. - Patronos e Acadêmicos.

CADEIRA	PATRONO	ACADÊMICO
01	Álvaro Alves da Silva	Paulo Ernani Siqueira Araújo
02	Álvaro Barcelos Fagundes	Fernando Chaves Lins
03	Antonio de Andrade Coelho	Giovani Caricio Caldas
04	Apolônio Jorge de Farias Salles	Carlos Alberto Tavares
05	Arnaldo Peixoto de Oliveira	Osvaldo Martins Furtado de Souza
06	Dárdano de Andrade Lima	Iderval Farias
07	Dom Agostinho Ikas	Pedro Rodolfo Filho
08	Dom Bento Pickel	Rosa de Lima Ramos Mariano
09	Dom Pedro Bandeira de Mello	Ronaldo Gonçalves Lins
10	Heitor Airlie Tavares	Eudes de Souza Leão Pinto
11	Idelfonso Pessoa de Almeida Lopes	Maria Menezes
12	Yony de Sá Barretto Sampaio	Leonardo Valadares de Sá Barretto Sampaio
13	João Wanderley da Costa Lima	José Wilson Aranha de Medeiros
14	José Ernesto Monteiro	Romero Marinho de Moura
15	José Guimarães Duque	Thales Vanderley Vital
16	Lauro Montenegro	Marcelo de Ataíde Silva
17	Mário Coelho de Andrade Lima	Mário de Andrade Lira
18	Moacyr de Azevedo Parahyba	Paulo de Araújo Barretto Campelo
19	Manoel de Almeida Castro	Antonio Fernando de Souza Leão Veiga
20	Manoel Rodrigues Filho	Yony de Sá Barretto Sampaio
21	Nelson Vanderley Santiago	Murilo César Amorim Silva
22	Octávio Domingues	Diomedes Barretto Júnior
23	Otávio Gomes de Moraes Vasconcelos	Lindalvo Virgínio de Farias
24	Paulo Parisio Pereira de Melo	Rivaldo Chagas Mafra
25	Renato Gonçalves Portela	Mauro Carneiro dos Santos
26	Garibaldi Dantas	Hélio Azevedo de Queiroz
27	João Gonçalves de Souza	Izaias Vasconcelos de Andrade
28	Francisco Hígino Barbosa Lima	Maria Celene Ferreira Cardoso de Almeda
29	Lauro Ramos Bezerra	Antonio Ribeiro Godoy
30	Luiz Simões Lopes	Emídio Cantídio de Oliveira Filho

Durante 20 anos, apesar de se reunir no *campus*, de certa forma, a APCA existiu isoladamente, apesar das estreitas relações mantidas com os vários Reitorados da UFRPE. A cada ano, desde 1996, passou, a promover em parceria com a Universidade, a solenidade anual de outorga de diplomas honoríficos aos Engenheiros Agrônomos com 50, 55, 60 e 65 anos de formados pela antiga Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária São Bento, célula *mater* da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, numa ação que representa a preservação de dados biográficos e da memória agrônômica do Estado registrada em Plaquetes Comemorativas.

Tal resgate histórico ratifica o porquê da APCA após duas décadas, se renovar sem modificar sua estrutura, seus objetivos e sua missão. Ansiar ser abraçada sem, contudo, perder a sua tradição.

Promotora e, ao mesmo tempo, preservadora do conhecimento agrônômico estadual, a APCA, se mostrou aberta ao chamado de outra instituição tradicionalmente guardiã, preservadora e difusora do conhecimento, a biblioteca e, assim, ambas com suas emoções renovadas, canalizaram e transformaram interesses comuns em interesse em comum. Caracterizou-se, a partir de então, a existência de um grupo que, segundo Zimmermann (1997), “é um conjunto de pessoas que partilha o mesmo espaço e reúnem-se em torno de um objetivo comum ao interesse de todos”.

3. MÃOS QUE TRANÇAM PARCERIAS

Nascemos indivíduos e nos tornamos pessoas. Para se tornar pessoa, é preciso pessoas. Pessoas são seres humanos, são como os *nós*, que formam e amarram uma rede. Todos, entrelaçados e trançados, formam uma teia de relações, encontros e desencontros que, rápidos ou permanentes, vão se cristalizando em grupos sociais e, dentre eles, grupos de referência, como os grupos de trabalho ou os grupos criativos, nos quais sujeitos produzem e transformam.

A respeito do grupo criativo, De Masi (2003, p.594) ratifica o nosso pensamento, definindo-o como “um sistema coletivo em que operam sinergicamente personalidades imaginativas e personalidades concretas cada uma contribuindo com o melhor de si, num clima entusiástico, graças a um líder carismático e a uma missão compartilhada.” Interesses, crenças, tarefas, características pessoais e outras coisas também fazem parte deste coletivo. Ao longo do desenvolvimento dos grupos, segundo De Masi, os seus objetivos são atingidos de forma mais adequada quando

seus membros tomam para si a responsabilidade de torná-lo uma experiência significativa, tendo a compreensão da importância de sua participação.

Observa-se, no entanto, que nem sempre a simples existência de interesses ou atividades comuns faz um grupo. Para que um conjunto de pessoas possa ser chamado de grupo e, mais especificamente, de grupo criativo como o grupo que compõe a APCA, é preciso que atenda, ao mesmo tempo, a três critérios: estar em contato, considerarem-se mutuamente como membros do grupo e ter algo em comum.

Teia de significados, da criação de laços sociais entre os fios, enfim da arte de fiar. Metáfora que nos leva a resgatar a simbologia do *fio* como condutor, seja na fiação, na narrativa ou na escrita. Para tecer, precisamos de fios. À medida que nos dispomos a manuseá-los e nos propomos a escolher com os quais tecer, é no entrelaçamento desses fios que uma teia se faz possível, a teia da comunicação entre a biblioteca e o grupo da APCA.

Assim, nesse momento histórico para a biblioteca, três dezenas de fios conosco conduzem a tecitura, começam a construir um coletivo simbólico singular e ao mesmo tempo plural. Essa teia de relações que se encontra em construção no âmbito da UFRPE entre a biblioteca e a APCA, certamente, é formada por fios de linho, de seda, de algodão e de lã em cores variadas. Fios que, juntos, constituem uma espécie de cérebro plural, um tipo de colméia, um nicho de cabeças pensantes.

No âmbito das bibliotecas, observamos, ainda, uma carência de interações desse tipo. É comum a biblioteca atuar como organismo que se diz democrático, porém avesso a trançar os fios metafóricos, sejam da comunicação ou da criação. Nesse sentido, enquanto bibliotecários, assumimos uma postura pró-ativa e agregamos valor às nossas atividades cotidianas e rotineiras na biblioteca, ao conjugá-las às atividades inerentes da APCA, possibilitando a ambas a realização de uma ação coletiva rica de significados.

Acerca da APCA, a percebemos como um grupo tradicional, integrado e dotado de idéias, diga-se de passagem, único na área agrícola do país. Organizado como “cooperativa científica”, na afirmativa de De Masi (2003, p.255) onde cada Agrônomo, conservando sua produção autônoma, colabora com os demais para a obtenção de objetivos em comum, tal qual ocorria no ambiente científico dos colaboradores das primeiras academias da história: confiança nas possibilidades do método experimental e nas potencialidades da pesquisa realizada com o desempenho do grupo.

Ainda sobre a interação da biblioteca com grupos criativos, nesse caso específico, com a APCA, por se tratar de uma vivência inovadora, consideramos ser merecedora

de ser relatada para os nossos pares das bibliotecas universitárias. A relevância desse grupo criativo e social reconhecido no meio científico e a nossa capacidade de articulação enquanto bibliotecários que somos, para operar com esses outros, pares de outros pares, conduzem à superação do isolamento de ambos, da biblioteca e da APCA. Conduzem também à difusão desse grupo criativo no ambiente peculiar da universidade, cujos focos são o ensino, a pesquisa e a extensão.

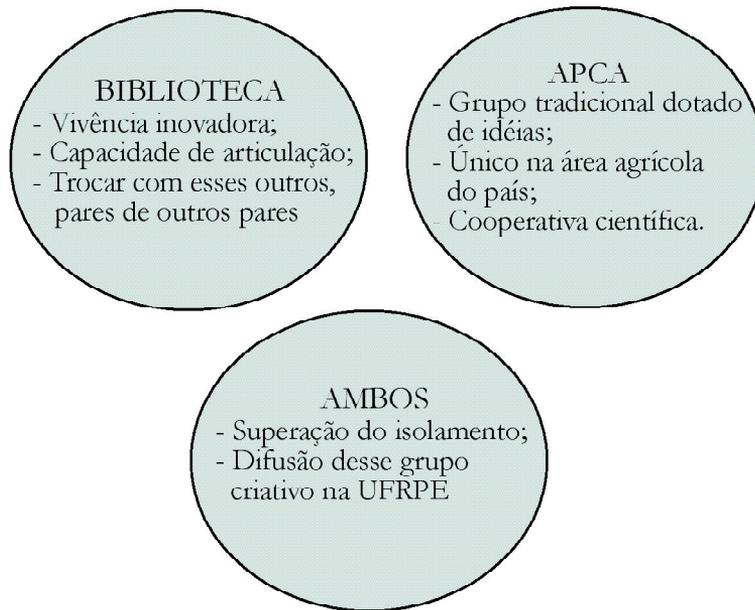


Figura 1. — Interação da Biblioteca Central com a APCA.

4. CABEÇAS PENSANTES, CONHECIMENTO COLETIVO E INTERAÇÃO NO CIBERESPAÇO

Primeiros imortais dessa nobre profissão em todo o país, definimos a APCA como um nicho de cabeças pensantes com mãos que semeiam e colhem, dotado de corações apaixonados pela causa agrônômica. É, portanto, um organismo dinâmico movido pela circulação de idéias, estimulado pela criatividade individual que gera a mobilidade e atuação coletiva. Não basta ser criativo: é preciso espírito empreendedor e paixão motivadora, diz De Masi (1999) e tal afirmativa corrobora com o espírito desse grupo.

Nessa trama a livre circulação de idéias é marca registrada. Há uma disponibilidade para comunicar e trocar idéias, progresso e resultados, na convicção de que a ciência

pertence a todos. Nesse contexto, cientistas, especialistas e técnicos tornam-se os elementos-chave e têm na informação o insumo para a geração do conhecimento, que de fato confere poder na sociedade.

Como salienta Cury (2001), a biblioteca universitária como repositória desse conhecimento é o espaço de sociabilidade, lugar onde os indivíduos interagem entre si e se comunicam. Local de quebra de paradigmas e conceitos pré-estabelecidos, propício à criação, armazenamento e circulação do conhecimento. Nele, nós bibliotecários, habituados aos tradicionais serviços de catalogação, classificação e indexação, começamos a nos metamorfosear aliando ao guardião da memória impressa e disseminador da informação o papel de mediador do conhecimento e agente de interação humana.

Partindo dessa premissa e aceitando um primeiro convite, começamos a participar ativamente das reuniões mensais e, integrados, procuramos dinamizá-las, promovendo e coordenando atividades lúdicas e afetivas, recebidas com entusiasmo por todos, numa iniciativa que resultou no segundo convite, dessa feita, para integrar a APCA como membro da Comissão Organizadora da solenidade anual de outorga dos títulos honoríficos aos Engenheiros Agrônomos. Paralelamente, iniciamos a reconstituição da história desse grupo criativo, utilizando como metodologia a leitura do primeiro Livro de Ata referente ao período de fevereiro de 1984 a novembro de 1985, associada aos testemunhos orais e ao resgate através das fotografias.

Atualmente, recebemos mais uma resposta positiva para a criação do banco de dados da APCA, que já se encontra em andamento. Nesta pesquisa, coletamos dados sobre os acadêmicos que ultrapassam suas atividades profissionais. Colhemos, também, informações que retratam, além da sua formação enquanto Engenheiro Agrônomo, a sua especialidade, seu engajamento na sociedade e com os temas do meio ambiente, seu *hobby* e seu dia-a-dia, como a prática de atividades físicas e a construção do conhecimento através da escrita de textos, matérias para jornais, resenhas, artigos científicos e intelectuais, assim como a produção de livros. Vem complementar esse perfil o SENTIMENTO individual para com as atividades desenvolvidas entre a biblioteca e a APCA, emoções que registram e representam a alma dessa interação.

Toda essa massa de informações, além de fixar as bases para a tecitura dessa narrativa, está nos possibilitando tornar visível e pública essa teia de relações apesar de percebermos que documentos e dados perderam-se nessa trajetória, deixando

lamentáveis lacunas. Transcendendo o tempo, descortinamos a seguir, mais detalhadamente, a APCA.

Em 1984, a Academia teve, em sua composição inicial, 25 Patronos e Acadêmicos, todos com formação de Engenheiros Agrônomos, em sua maioria formados pela UFRPE. Desse modo, o grupo que ora se iniciava possuía, em virtude do “elevado nível intelectual e agrônômico dos acadêmicos e o equilíbrio dos valores novos e velhos, uma proveitosa e conveniente distribuição de faixas etárias da melhor categoria científica.”, afirmava Eudes de Souza Leão Pinto, Presidente da APCA, (Livro de Atas, p. 08 b).

Esse mosaico nos permitiu fazer algumas importantes observações. A primeira delas diz respeito aos Patronos. Percebemos que 03 monges beneditinos que ao lado de Dom Pedro Roeser idealizaram e empreenderam esforços para a criação das Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária São Bento, célula *mater* da atual UFRPE, integram o patronato da APCA. Ainda, no que se refere aos Patronos, das 30 personalidades escolhidas, apenas o representante da cadeira de número 20 exerceu a função de Reitor da UFRPE .

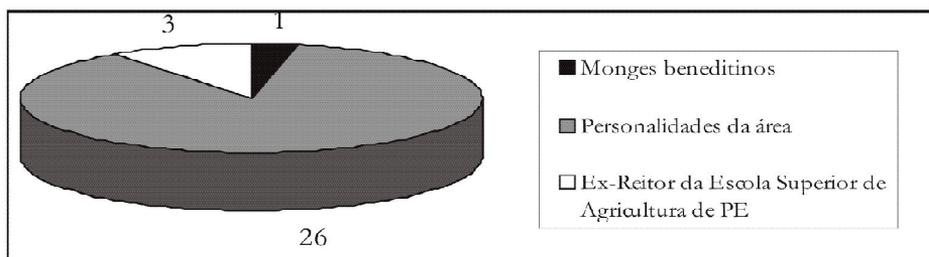


Figura 2. — Patronato da APCA.

Com relação aos Acadêmicos, fazemos a segunda observação. De início, em 1984, após a composição dos acadêmicos que iriam compor a APCA, “foi deliberado por unanimidade de votos que a última vaga, seja reservada a um profissional da agronomia de sexo feminino, em atendimento à sugestão proposta pelo acadêmico João de Deus de Oliveira Dias e, em homenagem às devotas agrônomas merecedoras de pertencerem ao quadro da Academia Pernambucana de Ciência Agrônômica.” (Livro de Ata da 3ª Reunião da APCA, 16 de abril de 1984, p. 6). Sendo assim, o universo feminino, de início, era restrito a apenas uma representante.

Posteriormente, foi ampliado sendo atualmente representado por 03 acadêmicas ocupantes das cadeiras de números 08, 11 e 28.

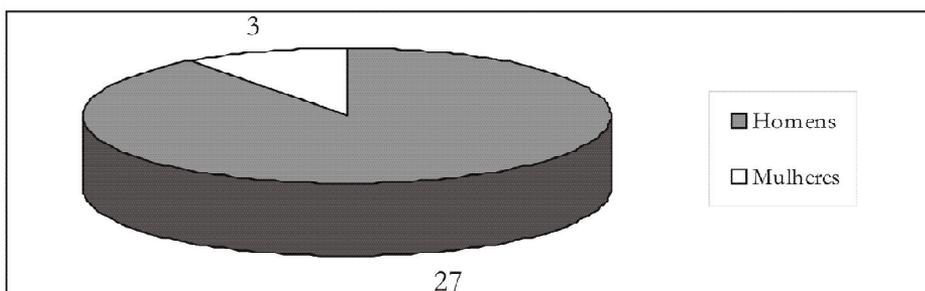


Figura 3. — A APCA segundo o gênero.

No ato da sua criação, a APCA elegeu, dentre os acadêmicos, quatro ex-reitores da UFRPE para ocuparem as cadeiras de números 07, 08, 15 e 22. Na ampliação do seu quadro de Patronos e Acadêmicos, ocorrida em maio do corrente ano, mais um ex-reitor foi eleito para acadêmico, vindo a ocupar a cadeira de número 30. Observamos por fim, que da composição inicial do grupo, as cadeiras de números 10, 11, 12, 14, 16, 17, 19 e 24 continuam ocupadas pelos mesmos representantes.

Prosseguindo a leitura dos dados e informações, a terceira observação relaciona-se ao Perfil dos Imortais. Segundo a faixa etária, tal leitura traz à tona, nesse universo, os acadêmicos que se encontram na faixa dos 50; 60; 70 anos e aqueles da faixa dos 80 anos de idade. Sendo assim, nesse grupo, o acadêmico mais jovem tem 54 anos, em contraponto ao mais longevo, no caso, os acadêmicos com 86 anos de idade. É interessante, e mais, emocionante, conviver com o dinamismo, a alegria de viver e o entusiasmo contagiante desses velhos-jovens que dão a vida pela APCA.



Figura 4. — Mapa da faixa etária dos Acadêmicos

Mais interessante e incentivador é a quarta observação relacionada à Capacidade Criativa dessas cabeças pensantes, assim como verificar a massa, o quantitativo e a qualidade da produção científica e intelectual dos mesmos, o que ratifica a afirmativa de Castoriadis (2001) de que “Pensar não é sair da caverna nem substituir a incerteza das sombras pelos contornos nítidos das próprias coisas, a claridade vacilante de uma chama pela luz do verdadeiro Sol. É entrar no Labirinto, mais exatamente fazer ser e aparecer um Labirinto ao passo que se poderia ter ficado ‘estendido entre as flores, voltado para o céu’. É perder-se em galerias que só existem porque as cavamos incansavelmente...”

É essa força criativa inerente ao humano que impele, sem parar, cada um desses indivíduos ritualisticamente, ditos imortais. A maior parte das criações humanas é obra não de gênios individuais, mas de grupos e de coletividades nos quais cooperam personalidades motivadas por um líder carismático e por uma meta compartilhada, nos afirma De Masi (2003).

Ao longo dos anos, seguiram-se a publicação de livros e artigos, gerando uma produção de autoria dos acadêmicos quase sempre com o apoio da UFRPE na publicação desse conhecimento. Esta produção científica constitui recorte para um outro trabalho de pesquisa que, paralelamente, se encontra em construção.

Vencendo barreiras de várias ordens, a Academia concretizou uma das suas metas ao publicar em 2004 o 1º volume dos Anais da APCA, composto por resenhas, crônicas e artigos de autoria dos acadêmicos.

Novos tempos, novas idéias e novas atitudes vieram transmutar, incentivar, renovar e circular as idéias e os conhecimentos gestados individualmente ou em co-autorias. Neste ano de 2006, a APCA ampliou seus parceiros, ao obter junto a Companhia Hidroelétrica do São Francisco – CHESF, patrocínio para algumas de suas ações e publicações. Fato que inclui a publicação do 2º volume dos Anais, referente a 2005, encontrando-se também a Comissão Editorial às voltas com a seleção e análise das resenhas, crônicas e artigos que irão compor o 3º volume a ser publicado em dezembro próximo, referente a 2006.

Esta parceira revelada em patrocínio está possibilitando também a publicação de outra produção intitulada Caderno de Termos Aplicados à Agricultura, que se encontra em sua 4ª edição revista e ampliada e se direciona especificamente para atender a demanda dos alunos das Escolas Agrícolas de segundo grau.

Por outro lado, o citado patrocínio vem corroborar para o desenvolvimento da pesquisa relativa ao Projeto Memória Viva que objetiva o resgate da memória agrícola pernambucana, utilizando depoimentos orais acompanhados pela reconstrução dos fatos rememorados aliando-os a documentos escritos, fotografias, filmes ou em outros suportes. Este Projeto se bifurca em dois subprojetos, o primeiro deles relacionado à divulgação do conhecimento produzido pelos titulares da APCA, enquanto que o segundo busca revelar a questão do gênero ao resgatar a figura feminina ao longo da história do Curso de Agronomia da UFRPE.

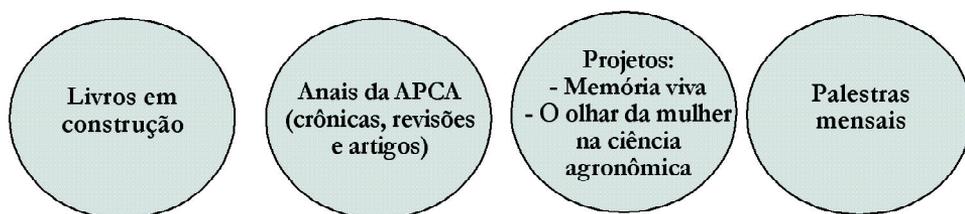


Figura 5. — Produção intelectual dos Acadêmicos

Tomando ainda como foco a produção do conhecimento, ao iniciarmos a organização do Banco de Dados desse grupo, percebemos nas respostas recebidas que, no atual momento, se encontram sendo produzidos livros além de textos diversos e artigos científicos, lado a lado com a organização de palestras apresentadas nas reuniões mensais da APCA e, atendendo convite, a realização de conferências em outros locais.

Observamos, por fim, que este processo de interação entre a biblioteca e a APCA vem sendo enriquecido pela *abordagem on line*, numa via de mão dupla na qual as relações cotidianas de permuta e validação vêm ocorrendo também no mundo virtual.

Nessa comunicação eletrônica, metaforicamente, uma Ariadne moderna compartilha e “orienta” o processo e no labirinto dos bytes, nos auxilia a interagir com os 63% desses imortais que, internautas, já utilizam a internet como ferramenta em suas tarefas e pesquisas. Com eles mantemos uma sistemática comunicação via correio eletrônico. Ao fazer uso desse formato e exercitar com a APCA essa estratégia de comunicação, passamos a praticar com esses acadêmicos que têm entre 50, 60 e 70 anos e, em especial, com aqueles de 80 anos, novas habilidades, visando a estimulá-los a pulverizar idéias e costumes, sentindo-se modernos. Levá-los a reavaliar valores e conceitos, mas, sobretudo, a sentirem prazer ao fazer parte deste mundo virtual.

O ciberespaço tem sido a infovia que nos permite também a troca de informações e validação num alegre clima de confiança, empatia e sinergia. Nele, já ocorre a circulação das atas das reuniões mensais para a leitura, sugestões e críticas daqueles que integram este mundo virtual. Por outro lado, estamos buscando estimular e conquistar aqueles que até o momento têm se mostrado avesso a essa tecnologia, os sem e-mails, que continuam à margem desse “ciberespaço dos imortais”, como denomina o acadêmico Fernando Chaves Lins.



Figura 6. — Relações cotidianas no ciberespaço.

5 – UM FIO SOZINHO NÃO TECE, TRAZ ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta é uma narrativa que prossegue, fio a fio, sem ponto final. Nela, prazerosamente, os fios se arrematam em *nós* que têm no passado seu lugar de construção e, no presente, a tarefa coletiva de preservação, salvaguarda e comunicação.

Nesse exercício do *conviver com*, passamos a partilhar a vida, a rotina, as atividades, a somar olhares. Nesse processo, há 18 meses assumimos o papel de pró-ativo e provocador e passamos realmente a ser partícipe desse grupo, interagindo de modo presencial ou no mundo virtual.

Esta sinergia renovou os ânimos e levou o grupo a gestar novas ações, tais como a criação da *homepage* e de *e-mail* institucional para a APCA, a criação do APCA NEWS Boletim Eletrônico com periodicidade quinzenal para socialização de notícias, bem como o desenvolvimento de atividades conjuntas com o Departamento de Agronomia através de Palestras e Encontros com os Alunos Calouros e com os Alunos Veteranos, tendo como questões pontuais a paixão e a valorização profissional,

assim como a responsabilidade social e o mercado de trabalho do Engenheiro Agrônomo.

Como foi possível observar, nessa integração da biblioteca com a APCA, uma teia de significados vem sendo construída, e merece ser olhada sob todos os ângulos, pois, é mister (re)fazer, (re)criar, quebrar paradigmas e aperfeiçoar outros, é urgente inovar.

Que Ceres, Clío e Mnemósine permaneçam nesse contagiante diálogo, e que as musas continuem nos inspirando, assim como a esses acadêmicos para que, juntos, possamos, na urdidura, dar continuidade à trama e viver a emoção e os sentimentos de fraternidade, incentivo, renovação, evolução, companheirismo e vida, que formam a alma desta teia tênue, que se vai tecendo entre todos nós.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA PERNAMBUCANA DE CIÊNCIA AGRONÔMICA. Livro de ata: 1984 – 1985. Recife. APCA. 1985. 101p.

BOBBIO, Norberto. O tempo da memória: de Senectute e outros escritos. Rio de Janeiro. Campus. 1997. pp.30–31.

CASTORIADIS, C. As encruzilhadas do labirinto I. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1997. 10p.

CURY, M.C. et al. O bibliotecário universitário: representações sociais da profissão. Informação & Sociedade/Estudos 11:86–98. 2001.

DE MASI, D. Criatividade e grupos criativos. Rio de Janeiro. Sextante. 2003. 800p.

DE MASI, D. A emoção e a regra: os grupos criativos na Europa de 1850 a 1950. 6ª ed. Rio de Janeiro. José Olympio. 1999. 285p.

PINTO, E.S.L. A Academia Pernambucana de Ciência Agronômica. Disponível em <http://www.ufrpe.br/artigod/artigo-32.htm>. Acesso em 17 de julho de 2006.

ZIMMERMANN, D. Fundamentos teóricos. In: Como trabalhar com grupos. Porto Alegre. Artes Médicas. 1997. pp.23–31.